

INTERVENÇÕES HUMANISTAS E A EXPRESSÃO INFANTIL: O CAMINHO DA LUDOTERAPIA

Kátia Schröder Polis

André Marcos Spiecker Gasparin

Resumo

INTRODUÇÃO: Através da perspectiva humanista com base na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) utilizando de técnicas da Ludoterapia, tem como intuito, demonstrar o movimento terapêutico de Thomas, 8 anos, paciente da clínica escola de psicologia no oeste de Santa Catarina, apresentando a experiência singular do paciente através de um ambiente acolhedor, visando a inclusão de suas condições, possibilidades e sua autonomia. O objetivo deste trabalho foi buscar compreender, a partir de um estudo de caso sob o enfoque dos instrumentos utilizados pelo paciente, a forma como o mesmo se expressa, a angústia com o externo e a maneira como exterioriza dentro do contexto dos atendimentos, bem como, quais os fenômenos que comprometem sua saúde mental. O desenvolvimento deste trabalho tem o intuito de elucidar estratégias de intervenção sensíveis para as necessidades e possibilidades. Diante disso, fez-se necessário aprofundar na literatura sobre um olhar humanista, com base na Abordagem Centrada na Pessoa e a Ludoterapia, propondo-se a trabalhar para além de diagnósticos patológicos, acolhendo e dando o suporte necessário para que paciente e estagiária possam caminhar juntos.

DESENVOLVIMENTO: Através dos significados e vivências expressas pelo paciente nos atendimentos psicoterapêuticos foi possível que a estagiária compreendesse as demandas, atuando de maneira responsável, respeitando todos os preceitos éticos exigidos para realizar a pesquisa.

As sessões com o paciente em questão foram baseadas em acolhimento às suas demandas e angústias expressas através do lúdico, que relacionava-se ao pré diagnóstico de autismo trago na anamnese pela mãe. Sendo manifesto sentimentos de insegurança, inferioridade e a necessidade de resolução dos problemas ao seu redor. As intervenções e atuações clínicas realizadas foram embasadas na teoria de Carl Rogers (1902-1987) e Virginia Mae Axline (1911 - 1988), ambos responsáveis pelo desenvolvimento e progresso nos estudos da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e Ludoterapia, que traz para a psicoterapia uma diferente perspectiva do indivíduo e, conseqüentemente, uma forma diversa de vislumbrar o brincar no mundo da criança e a relação terapeuta/paciente – uma abordagem não diretiva da relação terapêutica.

Para Virginia Mae Axline(1972), quando uma criança inicia os atendimentos na ludoterapia é normalmente porque algum adulto a trouxe ou mandou-a ao consultório para tratamento. Ao ser imersa nessa experiência singular é possível que essa situação lhe deixe amedrontada, entusiasmada, cuidadosa, ou de qualquer outra reação ante situações novas. Sendo o contato inicial um momento de imensa importância para o sucesso da terapia, este primeiro contato que é estabelecido cenário, possibilitando o andamento das demais sessões. Portanto, os princípios da Ludoterapia são demonstrados à criança, não somente por palavras, mas pelas relações que são estabelecidas entre terapeuta e cliente.

Em seu processo de psicoterapia, o paciente demonstrou preocupação com o bem-estar das pessoas de seu convívio, expressando em suas atividades lúdicas o desejo de solucionar conflitos e ser o responsável pela retomada do bem-estar. Expressou inquietude quanto a forma que é visto por terceiros, já que em situações relatou temer que lhe achassem um "monstro". Há uma sensibilidade e aceitação por parte da estagiária, tais aspectos são

responsáveis por promover a segurança para que a criança se sinta aceita, compreendida e se expresse livremente.

Segundo Brito (2012), o ludoterapeuta reflete as atitudes e sentimentos expressos pela criança, ajudando-a a compreender-se, alicerçando-se na relação com base nas atitudes básicas de aceitação, permissividade e respeito pela criança. Estas não são compreendidas como técnicas da ludoterapia, pois fazem parte da personalidade do ludoterapeuta e são imprescindíveis para o progresso da psicoterapia. Situações como as descritas demonstram a preocupação com a visão do mundo de si, como também o anseio por ser aceito e compreendido. Tais circunstâncias despertaram questões de auto imagem ocasionando no sentimento de impotência de não sentir-se suficiente em suas relações.

Segundo Lima e Branco (2023), o desejo pela consideração positiva e a necessidade de autoconsideração são necessidades aprendidas e começam a se desenvolver quando o sujeito é bebê e se relaciona com o mundo em função da recepção e demonstração da consideração positiva alheia. Sendo essas necessidades inerentes de todo indivíduo. Para Lima e Branco (2023), conforme o processo terapêutico progride, há uma tendência de aumento de percepções positivas nas referências e nas atitudes relativas ao self, e conseqüentemente, a tendência à diminuição de julgamentos negativos sobre si. Diante disso, conforme o processo terapêutico progride, as expressões neutras ou positivas vão surgindo. É perceptível que ele tende a caminhar durante a terapia para uma situação de aceitação do self, onde passou a perceber a si mesmo de forma real e como pessoa de valor, legitimando seus próprios sentimentos, percebe seus paradigmas como baseados em suas experiências individuais e não nas atitudes, experiências, julgamentos e desejos alheios.

Segundo Axline(1972), para ajudar a criança a obter uma melhor compreensão de si mesma, através do reflexo de suas atitudes emocionais, a terapeuta também lhe proporciona o sentimento de que a está compreendendo e aceitando, sempre independentemente do que ela diga ou faça. Portanto, nota-se que o papel do terapeuta é crucial, conforme Melo

(s.d) o mesmo é responsável por oportunizar o espaço para que a criança aprofunde-se no seu mundo interior e de lá trazer o seu eu verdadeiramente, ao princípio de que aquilo que ela diz ou faz é estritamente confidencial. Em vista disso, cabe ao terapeuta compreender que a criança quando brinca está agindo com total autenticidade, permitindo ser ela mesma e se expressar da forma que achar melhor. Assim, a ACP busca facilitar o indivíduo a ser autêntico e encontrar um self congruente com suas experiências. Na ACP, a aceitação e compreensão são de extrema importância para um movimento de crescimento e atualização em psicoterapia. Da mesma forma ocorre com a criança, que, ao brincar, busca ser aceita e compreendida pelas pessoas, para que possa se desenvolver de forma saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Perante o exposto, deve-se destacar a maneira que Thomas internaliza a sua responsabilidade pela satisfação de pessoas do seu convívio, dispondo-se no decorrer das sessões a ponderar como esta afeta sua subjetividade. Pretendendo através da Ludoterapia, facilitar o ajustamento para possibilitar a congruência. O paciente foi evoluindo nas sessões, demonstrando capacidade em visibilizar o que é de fato sua responsabilidade e o que não lhe compete, percebendo a si mesmo em diferentes contextos, iniciando o movimento de impor limites para que não permaneça desconfortável, reforçando para si mesmo que não se considera alguém que mereça ser tratado com diferenças. O principal intuito do estudo de caso foi buscar desmistificar antigos paradigmas paralisantes que lhe impedia de se vislumbrar além do olhar estigmatizante e buscar dar luz à sua singularidade vivida do cliente, com finalidade de estudar os fenômenos relatados a partir dos encontros clínicos entre psicoterapeuta e participante.

REFERÊNCIAS

AXLINE, Virginia Mae. Ludoterapia: a dinâmica interior da criança. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais Ltda, 1947.

BORIS, G. D. J. B.. Versões de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 1, p. 165–180, 2008.

LIMA, Maria Clara Silva; BRANCO, Paulo Coelho Castelo. Terapia Centrada na Pessoa e Processo de Reorganização da Autoimagem e Autoestima: Pesquisa-Ação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 766–785, 2023. DOI: 10.12957/epp.2023.77711. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/77711>. Acesso em: 29 out. 2024.

BRITO, Rosa Ângela Cortez de. A criança como Outro: uma leitura ética da ludoterapia centrada na criança. uma leitura ética da Ludoterapia Centrada na Criança. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6811>. Acesso em: 27 out. 2024.

MELO, Adriana Maria Farias de. A ACP, a criança e o brincar. s.d. Disponível em: <https://encontroacp.com.br/textos/a-acp-a-crianca-e-o-brincar/>. Acesso em: 26 out. 2024.

MEIRELLES, Bruna Fernanda Michelacci. A prática da ludoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa. 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15849>. Acesso em: 29 out. 2024.

katiapolis30@gmail.com

andre.m@unoesc.edu.br